

Elogio ao ócio criativo

Ricardo Alexandre Rodrigues – (mestrando em Ciência da Literatura,
Semiologia, UFRJ)

*Quem atinge o valor do que não presta é, no mínimo,
Um sábio ou um poeta.
Manoel de Barros¹*

Resumo

Numa sociedade pautada no imediatismo e no pragmatismo das coisas, torna-se particularmente interessante investigar a colocação de inutilidades como matéria de poesia. A inclinação para inutilidades e despropósitos é predicado da poética de Manoel de Barros que constrói imagens delirantes a fim de repensar o homem e a sociedade. Aventurar-se em falar o mundo pelas inutilidades e despropósitos evidencia a insatisfação do poeta com o olhar analítico do cotidiano. No horizonte dos versos desse poeta-crítico da palavra, pretende-se discorrer sobre o exercício de produzir pensamentos a partir de coisas sem importância.

¹ Ensaios Fotográficos. “Rabelais”. Rio de Janeiro: Record, 2003

É do senso comum associar poesia à inspiração, à genialidade e ao estado de alma do poeta, reduzindo-a a simples relato de vida; algo sem importância social. No mesmo modo de ver, aprecia-se o pensamento como sinônimo de sério, complexo e produtivo. Na verdade, essa dissociação entre a poesia e o pensamento reflete a organização de uma sociedade moldada pela lógica pragmática. É imperativo nesse tipo de organização estabelecer eixos paradigmáticos: falso *vs* verdadeiro, errado *vs* certo, inútil *vs* útil ... sobre os quais possa agir uma força cerceadora.

Produzimos, mesmo sem darmos conta disso, gestos que carregem consigo vestígios dessa ideologia. Por exemplo, a frase : “você parece que não pensa”, pronunciada no dia a dia, traduz o modo pragmático e imediatista com que age a sociedade, principalmente quando se remete ao exercício do pensamento. Nesse modo de ver, a ação de pensar está condicionada pela utilidade que terá o produto final. Sua importância dentro do grupo poderá ser avaliada pelos benefícios conseguidos em prol deste.

Ser útil admite a qualificação de ferramenta: material usado para obter outras coisas. O tempo de vida de qualquer ferramenta é proporcional à capacidade de satisfazer necessidades ou desejos humanos. Todos instrumentos, ferramentas, utensílios são fabricados para estender o poder do corpo; manifeste ele as tendências de um grupo ou de um indivíduo.

Discorrendo sobre tais idéias, nota-se certa analogia entre ferramenta e linguagem conceitual. Com efeito, a invenção de conceitos tem origem no impulso de querer modificar o espaço em que vivemos. Para definir algo, é necessário antes esquadrihar o material, decompor em partes pretendendo sistematizar sua complexidade e, só assim, acreditar no controle do todo. Pensar o mundo através de conceitos, conseqüentemente, viabiliza o trânsito do poder disciplinador.

No entanto, nos poemas de Manoel de Barros, ultrapassando o paradigma do certo, do verdadeiro, do útil ... o ato de pensar é assinalado como a faculdade humana de não se conter, de se rebelar e querer sair de si, transcender limites, a fim perceber o mundo. Ou então, pensa quem é afetado pela curiosidade de conhecer aquilo que ainda dorme ou silencia diante a maneira mecânica de compreensão. Quando pensamos, inevitavelmente, estamos suspeitando

das certezas a ponto de querer ver além delas. Trata-se de quebrar a monotonia causada pela rigidez das verdades. Pensar é fazer crescer o mundo em várias dimensões: “pois que inventar aumenta o mundo”².

Na leitura desses poemas, começamos a perceber o estreitamento entre poesia e pensamento, ambos dotados de um olhar desbravador que rasga o véu do discurso mecânico para instaurar uma relação primitiva como o mundo. E atribui-se a isso o desregramento (uma espécie de deseducação, no sentido de desacostumar) dos sentidos através de “desarranjos semânticos”.

Sobre esse mesmo eixo temático, Barthes, em sua Aula inaugural no Colégio de França, discorre saborosamente sobre linguagem e liberdade, ao mesmo tempo em que expõe a associação entre linguagem e o poder controlador. Diz Barthes:

“se chamamos de liberdade não só a potência de subtrair-se ao poder, mas também e sobretudo a de não submeter ninguém, não pode então haver liberdade senão fora da linguagem” e “só se pode sair dela pelo preço do impossível.”³

O “*impossível*” de que nos fala Barthes, certamente, está relacionado à idéia de “trapaça salutar” com a linguagem a ponto de desconjuntá-la, culminando na sua inutilidade radical. Com efeito, o rearranjo do código origina certo estranhamento, pelo qual nos permite pensar o mundo fora do automatismo da linguagem. Esse incômodo relaciona-se com capacidade de se espantar que a arte recupera em nós, no sentido de avistar a diferença e a singularidade dos acontecimentos antes da ação do gregarismo do cotidiano. No poema a seguir, Manoel de Barros (MB) problematiza a cristalização dos significados preconizada pelo palavreado que não impressiona mais os sentidos :

² BARROS, Manoel de. **Retrato do Artista Quando Coisa**. Rio de Janeiro: Record, 2002

³ BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix

O livro das Ignorãças (XIX)⁴

o rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a
imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa.
passou um homem depois e disse: Essa volta que o
rio faz por trás de sua casa se chama enseada.
não era mais a imagem de uma cobra de vidro que
fazia uma volta atrás de casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem.

Nesse poema, escuta-se uma voz que diz a natureza com a força de quem diz pela primeira vez sem ter meios pra fazê-lo. Empregar a língua enquanto discurso seria cair na armadilha fácil e empobrecedora das generalizações. Para não correr o risco de aprisionar as coisas inominadas num nome, essa voz recorre à inconstância da imagem como estratégia de apresentação.

O discurso conceitual resulta do esforço (vão) para transpor uma impressão do mundo (matéria sintética) em palavras (material analítico). Essa passagem do sintético para o analítico não acontece sem que haja perda de efeito. Certamente, não tem o mesmo impacto escutar o ritmo produzido por uma bateria de escola de samba e ler a descrição desse ritmo. Assim como não é a mesma coisa falar da curva do rio através da metáfora da “cobra de vidro mole” ou pelo nome enseada.

Na escrita poética de MB, a composição de imagens desconcertantes que acabam por modificar a maneira de interagir com um tema, pode ser interpretada como uma insatisfação com o mundo transformado em assunto, entendendo que ele poderia ser bem mais a que ficou reduzido. O uso instrumental da língua toma as palavras e as coisas como equivalentes, na convicção de que, ao dizer o nome, estaria simultaneamente evocando presença do ser. A palavra, para Manoel de Barros é insuficiente para expressar o mundo. Por isso mesmo, ele cria

⁴ BARROS, Manoel. **O Livro das Ignorãças**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1993

imagens inquietantes e instáveis para ironizar toda a estética da representação, à medida que expõe o hiato existente entre as palavras e seus referentes. Daí a sua liberdade e insensatez na hora de escrever.

Essas imagens, mais conhecidas pelos nomes de metáfora e paradoxo, ostentam um “como se” para tentar expressar em palavras impressões que ficaram marcadas em nossa mente. Pois, a metáfora “fala obrigatoriamente, explora conotações laterais, insinua coisas sem verdadeiramente dizer-las, sugere idéias sem explicitá-las”⁵.

Por tudo isso, eis que a rebeldia lingüística instaurada pela figura da metáfora marca o lugar de encontro entre poesia e pensamento.

A inclinação para coisas sem importância é um dos atributos da poesia de MB que constrói imagens delirantes permitindo repensar o homem e a sociedade.

As coisas desprovidas de valor encontram-se num estado de repouso, de descanso, de não-funcionalidade, de desocupação mental: a própria manifestação do ócio que suspende a ordem deformadora. Fora dessa relação docilidade-utilidade torna-se possível transver o mundo: ver para além do horizonte, do limite natural da visão. Aventurar-se em falar o mundo pelas inutilidades e despropósitos evidencia a insatisfação do poeta com o olhar analítico do cotidiano. Assim, na contra-mão do sistema pautado no pragmatismo e no imediatismo, a expressão poética de MB corre pelas vias do desnecessário, do descartável, do excluído.

Vejamos um poema que nos ajuda a refletir melhor:

Matéria de Poesia⁶

Todas as coisas cujos valores podem ser
disputados no cuspe à distância
servem para poesia

⁵ BENNINGTON, Geoffrey. Jaques Derrida por Geoffrey Bennington e Jacques Derrida. “A Metáfora”. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996

⁶ BARROS, Manoel de. *Matéria de poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2001

Homem que possui um pente
e uma árvore
serve para poesia
(...)
Tudo aquilo que a nossa
Civilização rejeita, pisa e mija em cima,
Serve para a poesia
(...)
Os loucos de água e estandarte
servem demais
O traste é ótimo
O pobre diabo é colosso

Tudo aquilo que explique
O alicate cremoso
E o lodo das estrelas
Serve demais da conta

Pessoas desimportantes
dão pra poesia
qualquer pessoa ou escada
(...)

O que é bom para o lixo é bom para a poesia

O texto de MB nos sugere várias afinidades entre lixo e poesia. Ambos são a expressão de uma trama cultural; são sintomas sociais: lixo e poesia são atividades humanas e , por isso, considerados inesgotáveis. Além disso, expõem a matéria levada ao extremo, expondo os confins da utilidade. Dessa forma suspende-se a função prescrita, conferindo à matéria liberdade de vir a ser.

Seguimos numa estrutura social disposta sobre as necessidades de trocas. Nesse sistema, a função é o princípio organizador; ela localiza cada objeto no tempo e no espaço. Através dela,

torna-se viável o trânsito do controle pelos diversos segmentos da sociedade. Portanto, dentro desse código, perder a função ou desempenha-la de forma improdutiva implica na exclusão.

No mesmo raciocínio, forjar uma função para um elemento consiste na tarefa de naturalizar o mundo, fazendo desaparecer do discurso os traços históricos e culturais, como quem diz: *tudo sempre foi assim, porque há de mudar?* Vejamos o exemplo aqui nessa sala; o palestrante e os ouvintes, ao entrarem no espaço destinado ao evento, ocupam cada qual o seu lugar conforme a função: palestrante na frente, em cima do tablado; ouvintes na outra extremidade voltados para o palestrante. Por que os ouvintes não sobem ao tablado?! Porque já é uma norma, uma regra naturalizada.

O poder Sanitarista, representado pelas normas sociais, elimina tudo que afeta o funcionamento de um sistema. A máquina social fabrica as regras e normas de conduta sob o rótulo da exatidão, da certeza, do verdadeiro opondo as ao ócio, ao estado leviano da alma, ao despropósito... Daí, é sustentável dizer que as tentativas de controlar a desordem, limpar ou evitar a sujeira, são ações encontradas em todas as sociedades a fim de garantir a manutenção do sistema.

A ordem do útil é onde o poder se manifesta. Nesse caso, dizemos que o corpo ou o objeto sem utilidade não pode ser controlado. Aos corpos indisciplinados costumamos classificá-los de anormal, monstro, louco, vadio ... porque fogem do eixo paradigmático. E para tudo que não oferece utilidade isolamos de nosso contato sob o rótulo de lixo. Assim, reaproveitar matéria dada como desgastada e sem serventia, ensaia uma discussão acerca da oposição útil e inútil, que se desdobra numa provocação ao sistema dicotômico .

Dentre os elementos exilados pelo sistema e assimilados nos poemas de MB, o lixo é o que mais provocador. Dele queremos distância de tal modo que embalamos em saco preto, enterramos, fazendo o possível para tirá-lo de nosso campo visual. Mas aqui na obra de MB ele é requisitado.

Chamamos de lixo a matéria que para nós não tem mais serventia. Trata-se da matéria saturada no seu extremo, levada a fadiga. Entretanto, é do cansaço que emana o seu devir – a possibilidade de se transformar em qualquer coisa. Percebendo que tudo pode ser recriado,

notamos ao mesmo tempo a arbitrariedade dos conceitos, a artificialidade de que rege a relação entre as palavras e as coisas. Tudo passa a ser visto com invenção, algo forjado.

Tal como os restos orgânicos, a linguagem torcida pelo poeta atinge também o seu grau zero de utilidade. E depois de despir-se de toda a pretensão de comunicar o real, vemos “a linguagem se colocando o mais distante possível dela mesma”⁷. A experiência da poesia força os limites da linguagem e, expondo os confins da razão, abrindo para um jogo de inesgotáveis combinações de sentidos.

Neste traçado de considerações, as desutilidades e despropósitos lidos nos versos de MB removem a função utilitária dos objetos emprestando-lhes uma força reflexiva. Por certo, nos absurdos gerados identificamos a maneira encontrada para desarticular o modo como fomos acostumados a perceber as coisas.

A poesia – um estagio anterior à classificação – faz mover as coisas de seu lugar canônico e instaura o não lugar: a impossibilidade de fixar-se num ponto; o que Foucault chamou de “o puro exterior onde as palavras se desenrolam infinitamente”.

Ao transpor o pragmatismo e imediatismo, a linguagem tocada pela poesia perde a propriedade de comunicar e se assume como total despropósito no utilitarismo da língua. Com isso, a linguagem volta ao seu estado primitivo com sua melodia e improvisação de imagens soltas e confusas tal como aquela pronunciada pela boca de uma criança. Portanto, o que chamamos de subversão do código instrumentalizado não é mais do que um regresso às origens, a primeira linguagem.

Forçar os limites dos conceitos e valores a fim de desnaturalizá-lo – mostrar a artificialidade. O silêncio, o vazio, o lixo, a terra, a água, a loucura, a infância, tudo que a sociedade não contempla revela dentro da poesia de Manoel de Barros grande fertilidade para fazer nascer outras perspectivas a partir das quais se possa transver o mundo.

⁷ FOUCAULT, Michel. “O pensamento do exterior”, pp 223-225.

Passa a ser matéria de poesia tudo aquilo que escorrega entre as mãos controladora do poder disciplinador: o que está no campo semântico do imprevisível, do não pragmático, do devaneio ...